

MAS AFINAL, O QUE A PSICANÁLISE POSSIBILITA AO SUJEITO?

*Alinne Nogueira**
*Louise Cardoso Barbosa***

RESUMO:

Na sociedade atual onde a ética dos bens prevalece sustentada por uma tecnologia que produz um inesgotável número de objetos, observa-se a estreita ligação entre satisfação e felicidade. Amante da razão e da suposta perfeição, o homem acredita na possibilidade de soluções rápidas e indolores para curar seu mal de existir. Partindo de uma reflexão sobre a ética da psicanálise, o presente trabalho busca abordar a dissonância significativa entre a atual moral da felicidade e o discurso psicanalítico. O desejo e a pulsão, que marcam o sujeito com uma insatisfação radical, colocam em cena a dimensão do impossível, sendo essa a vertente de trabalho que a psicanálise oferece.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Ética. Felicidade. Atualidade. Pulsão.

A promessa de felicidade

* Alinne Nogueira Silva Coppus. Psicanalista. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ. Professora da Pós Graduação em Psicanálise Subjetividade e Cultura da UFJF. E-mail:alinnerj@terra.com.br Endereço:R. Oswaldo Aranha,180/603. Juiz de Fora/MG. Tel. (32)3224-5945 e (32)91046758.

** Louise Cardoso Barbosa. Graduada em psicologia pela UFJF, aluna do curso de especialização em Psicanálise, Subjetividade e Cultura pela UFJF e psicóloga parceira do programa do Centro de Psicologia Aplicada da UFJF. E-mail:loucbarbosa@yahoo.com.br Endereço:R.Murilo Mendes 185. Juiz de Fora/ MG. Tel. (32)3233-1399 e (32)8841-9958

No mundo pós-moderno, onde vigora um discurso que multiplica as possibilidades, verifica-se uma incessante busca pela felicidade irrestrita. Vemos que o discurso científico, partidário do discurso capitalista, surge na modernidade como o senhor da verdade, verdade sobre o homem e sua felicidade. A ligação entre felicidade e satisfação se faz cada vez mais estreita atualmente. Feliz é quem se satisfaz, ou melhor, quem tem à mão objetos capazes de ‘garantir’ a satisfação do cliente. Sempre um pouco mais, e ainda mais.

Através da tecnologia e da produção em massa, os bens de consumo, também chamados de “gadgets”¹, são oferecidos como “tampões” para o mal de existir. Trata-se de uma nova forma de aparecimento do objeto que concretiza o saber articulado cientificamente e que nenhum processo antigo de fabricação, orientado simplesmente pelas práticas e valores da cultura, teria sido capaz de construir (Lacan, 1969-70/1992). Atrelados a um ideal de felicidade, proliferam-se absurdamente na tentativa de preencher a fenda estrutural do sujeito, a falta que não tem cura. Com o poder da tecnociência, a categoria do impossível parece ser ignorada ou adiada para um tempo que nunca chega. Tudo está ao alcance do homem: a juventude eterna, o corpo perfeito, a felicidade prometida, o bebê desejado; enfim, chega-se a questionar se o mal-estar denunciado por Freud (1930/2006) teria sido abolido.

Nesta configuração social, veloz, objetivada, e constantemente nova, os ideais e os valores, transformam-se em objetos, ou melhor, em inúmeros objetos. A felicidade vira um bem, que como todo bem da modernidade se encontra à venda na loja mais próxima.

Diante do mercado de ilusões da contemporaneidade, muitas são as portas que se abrem: shoppings, curandeiros, feiticeiros, videntes, cognitivistas, médicos, todos “panfletam” o direito universal à felicidade.

Essa utopia de uma felicidade objetiva para todos, sempre ao alcance, não tarda a revelar seus efeitos esmagadores sobre a singularidade do sujeito. Acreditando que o acesso à felicidade se encontra nos objetos que o capitalismo oferece “aquele que consome é consumido, virando assim, também, um objeto de consumo” (Gonçalves, 2008, p.66). O encontro com a felicidade passa a vigorar como uma obrigação, uma exigência.

Nesse imperativo de felicidade a que o sujeito está submetido na contemporaneidade, às pessoas que se sentem tristes por qualquer

¹ Gadget = “geringonça”, “dispositivo”, fazem referência aos dispositivos eletrônicos que possuem função bem específica, práticas e supostamente úteis” (Costa-moura, 2010, p.144).

contingência em suas vidas, por situações traumáticas, por dificuldades que estão atravessando ou por não poderem adquirir esses bens/objetos de consumo ofertados pela mídia, começam a se sentir como peixes fora d'água, sem lugar nesse mundo (Gonçalves, 2008, p. 66).

A este contexto soma-se a espetacular indústria farmacêutica, que com praticidade e rapidez promete ao homem a felicidade em cápsulas. Normalizando comportamentos e buscando eliminar e/ou maquiagem os sintomas psíquicos sem buscar significações para os mesmos, os psicofármacos simbolizam a força do materialismo sobre as elucubrações e verbalizações dos sofrimentos íntimos. Na medida em que o homem é compreendido pelas suas funções físico-químicas, e o sofrimento relacionado a alterações dessas funções, o medicamento é apresentado como a cura para o sintoma. Com isso, temos a possibilidade de que o sujeito não se questione e, com isso, não produza um saber sobre o que lhe acontece, dificultando a possibilidade de uma frente de tratamento em que o mesmo esteja realmente implicado. Assim, “trata-se do triunfo do ‘prático’ sobre o enigma e, nessa mesma lógica, da degradação do conflito” (Fernández, 2003, p. 167).

Roudinesco (2000) não contesta a necessidade dos psicofármacos, sobretudo nos casos graves e nas psicoses, mas observa a impossibilidade de essas substâncias serem consideradas a cura para os sofrimentos psíquicos. “A morte, as paixões, a sexualidade, a loucura, o inconsciente e a relação com o outro moldam a subjetividade de cada um, e nenhuma ciência digna desse nome jamais conseguirá pôr termo a isso, felizmente” (Roudinesco, 2000, p. 9).

O sujeito, quando procura uma análise, também busca uma resposta, encarnada na figura do analista, sobre a sua felicidade. Ele quer um remédio para sua falta-a-ser, algo que possa resolver seu problema, de preferência, sem que nada seja alterado, mudado de lugar. Sofrendo os efeitos desse discurso capitalista, a psicanálise é o campo propício e talvez único para o recolhimento do que é excluído nesse discurso, ou seja, o sujeito (Lacan, 1965-66/1998).

A experiência psicanalítica nos ensina que o sujeito, “enredado em suas estratégias mortíferas de recuperação do essencialmente perdido, encontra na ordem do discurso a via possível para atravessar a vida” (Costa-moura, 2010, p.7). Assim, é esperado que ele se engendre cada vez mais nessa maneira de levar a vida que prega a certeza de uma

satisfação garantida. O que vemos porém é, ao contrário, uma insatisfação cada vez mais crescente sobretudo naqueles que chegam à análise.

Onde há enigma há sujeito. É com ele que trabalhamos na clínica psicanalítica, a partir de sua divisão, seu desejo e seu modo de gozo. Se houvesse uma resposta prática e rápida sobre a felicidade do homem, ela já teria sido encontrada. No entanto, como nos esclarece Freud (1930/2006), a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída nos planos da “Criação”. O sujeito não estaria aparelhado para experimentar a felicidade, em toda sua plenitude. Só seria possível experimentar uma sensação de prazer intenso a partir de um contraste, de uma vivência episódica, limitada a instantes precisos. Ele teria acesso apenas a uma satisfação parcial, nunca completa e permanente (Freud, 1930/2006).

Não obstante, sabemos que o mal-estar presente no sujeito possui uma função, função esta que não é abordada pelo discurso científico e capitalista permitindo que a insatisfação permaneça e gere consequências.

Mesmo o sujeito gozando de inúmeros objetos, seu mal-estar persiste com vigor a partir de seus sintomas e angústias, mostrando, cada vez mais, a face feroz de um gozo que resiste. A discussão sobre a felicidade inclui uma discussão sobre a satisfação. Mas desde Freud (1920/2006) vemos que a satisfação não possui uma relação exclusiva com o prazer. A pulsão, conceito que aborda de maneira profunda e detalhada as possibilidades do sujeito se satisfazer, se desdobra na pulsão de morte, colocando em cheque uma satisfação paradoxal que permite um prazer desprazeroso ou um sofrimento que acalenta. A partir da psicanálise se questiona: que mal é esse que não cessa? E o que a psicanálise pode fazer com isso?

A ética da psicanálise

Na contramão do discurso científico, a psicanálise oferece uma saída ética ao sujeito, pela via do desejo, da falta. Inaugura um campo de saber que não pretende mascarar o real e sim sustentar uma práxis que prima pela possibilidade do sujeito se desdobrar diante do que não é possível, marcando a presença do furo e da falta-a-ser em seu discurso. Assim, a psicanálise é uma práxis apoiada numa ética que nos ata enquanto sujeitos a um laço específico com o Outro, com o significante, com o objeto, ou seja, com a perda (Costa-Moura, 2010).

Lacan (1959-60/1988) aponta que o analista não escapa da demanda de felicidade, já que é disso que se trata a demanda do analisando. Acrescenta inclusive, que a

questão da felicidade se tornou um fator de política, ou seja, não há satisfação de ninguém fora da satisfação de todos, e é esse o contexto que a psicanálise subverte. No entanto, na posição de acolher quem lhe demanda felicidade, cabe ao analista lembrar o que de fato sabe: a questão do Bem Supremo é uma questão fechada (Lacan, 1959-60/1988), perdida. “Não somente o que lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele (o analista) não o tem, como sabe que não existe” (Lacan, 1959-60/1988, p.359).

Logo, a psicanálise não prima pela técnica da felicidade. Sua ética implica o acolhimento da demanda do analisando, mas não uma resposta a essa, já que suas demandas são sempre de completude. O discurso psicanalítico, ao sustentar o mal-estar e seus efeitos, não propõe um confronto com a ciência, mas resguarda o furo e a impossibilidade. Sua proposta é marcar uma diferença frente ao ideal totalizante.

Ao desvelar o sujeito dividido, o sujeito do inconsciente, a psicanálise aponta uma cisão estrutural, própria do ser falante. Inserido no universo da linguagem, uma parte falta, morre carregando consigo o registro do instinto. Lançado na ordem simbólica, na ordem significante e por isso do desencontro, o homem experimenta sua fragilidade frente ao mundo e o mal de existir gerado pelo insolúvel desamparo e pela ferocidade da pulsão.

O inconsciente e a pulsão são duas formas de alteridade radical que constituem o sujeito dividido. A partir do ensino freudiano, a verdade do inconsciente começa a ser ouvida através do corpo pulsional e o que este coloca em cena. Freud nos apresentou o corpo histérico como um corpo erótico, que não obedece às leis da anatomia, corpo disputado, em um primeiro momento, pela pulsão do eu e pela pulsão sexual.

A variabilidade de objetos através dos quais a pulsão se satisfaz, juntamente com sua força constante, impedem-nos de equivalê-la ao instinto, que exige objetos específicos e possui uma temporalidade peculiar. A pulsão é marcada por uma temporalidade própria, necessária para que ela complete seu circuito (Lacan, 1964/1986): ela parte da fonte, contorna um objeto e retorna à borda corporal. Apesar de sua força ser constante - somos influenciados por sua busca de satisfação a todo o momento.

Em relação à pulsão vale destacar que “a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas, “pressiona sempre pra frente, indomado” (Freud, 1920/2006, p.53).

Lacan, no seminário 7, discorre sobre o soberano bem, tal como é entendido por alguns psicanalistas. A felicidade de um sujeito aparece relacionada com uma plenitude

sexual. Trata-se da realização genital, do suposto encontro sexual. Não obstante, como comenta Brodsky (2008), não é desse final feliz e adoçado de que se trata a psicanálise.

O discurso psicanalítico instaura um limite, um impossível do qual não se pode fugir. Trata-se de afirmar que todos estão no mesmo barco (Maurano, 2006). A falta não pode ser sanada. Pelo contrário, a falta no dispositivo analítico é operativa, é motor para o sujeito trabalhar e caminhar em direção ao seu desejo. Daí podermos abordar a dimensão positiva e criativa desse intervalo entre a satisfação esperada e a obtida.

Entende-se que, neste contexto, liberar-se da falsa promessa analítica de felicidade, entendida como “fazer existir a relação sexual”, não conduz a nenhum conformismo, senão ao contrário, conduz a um atravessamento que eventualmente, se encontra com o mais além do princípio do prazer (Brodsky, 2008, p.271).

Lacan (1959-60/1988) afirma que a ética da psicanálise nada tem a ver com uma disciplina da felicidade, trata-se da ética do desejo, daquilo que o sujeito possui de mais particular.

Construir-se como garante de que o sujeito possa de qualquer maneira encontrar seu bem, mesmo na análise, é uma espécie de trapaça. Não há razão alguma para que nos constituamos como garante do devaneio burguês. Um pouco mais de rigor e de firmeza é exigível em nossa confrontação com a condição humana [...] O movimento no qual o mundo em que vivemos é arrastado promovendo até suas últimas consequências o ordenamento universal do serviço dos bens implica uma amputação, sacrifícios, ou seja, esse estilo de puritanismo na relação com o desejo que se instaurou historicamente (Lacan, 1959-60/1988, p.364).

Na medida em que o discurso científico, aliado ao capitalismo, anuncia verdades universais e classifica os sintomas, o sujeito é retirado de cena e a subjetividade é foracluída. A psicanálise, na contramão, assevera a indestrutibilidade do desejo, visto que sua estrutura implica a inacessibilidade do objeto.

Enfim, a busca por técnicas e soluções que ofusquem a frustração perante a realidade “cruel”, ou seja, faltante, vai de encontro ao cerne da questão. O mal-estar

denunciado por Freud é impossível de ser extirpado, a dor de existir e a falta de satisfação dizem respeito à própria constituição do sujeito enquanto ser falante, enquanto ser na cultura. Arremessado no simbólico, nada mais é programado, previsível ou generalizável, o que emerge é a dimensão do desejo.

Como nos aponta Lutterbach (2008) ao lembrar Freud, o desejo deve prevalecer sobre a razão, o fim ético é o agir em conformidade com o desejo, sem promessa de felicidade. “O desejo comanda a ação e independentemente da boa vontade em seguir prescrições racionais, o que o sujeito vai encontrar é sempre da ordem do conflito, para o qual não há lei universal que possa determinar um princípio para a ação reta” (Lutterbach, 2008, p.256).

Haverá sempre a presença de uma ausência e conseqüentemente uma insatisfação constante. A angústia resultante desse descompasso é incurável e nunca cessa de se fazer sentir. A psicanálise, em sua particular orientação ética, aborda os impasses do ser falante diferentemente das orientações tradicionais dirigidas ao ideal. Serve para endereçar o sujeito ao real, ao que escapa, ao que não tem lugar no ‘sabe tudo’ da ciência. Oferece a escuta na tentativa de propiciar um saber singular sobre o desejo.

Contra a orientação de se eliminar a tristeza, a dor de existir e o sintoma, defende que a angústia é constituinte do sujeito. “O mal-estar em viver aumenta se tentamos eliminá-lo. O sintoma é a resposta singular do sujeito ao aspecto mais essencial da sexualidade humana: não há programação, proporção, relação que assegure a satisfação” (Santos, 2006, p. 17).

Lacan (1966/2001) convoca o analista a acolher e trabalhar o gozo que o sujeito coloca em cena, sustentando um lugar onde isso é possível. Essa é uma convocação ética. Questionando a demanda do paciente, ou seja, a função de seu sintoma e a dificuldade de perdê-lo, juntamente com o gozo que o próprio sintoma envolve, oferecemos uma nova forma de articular o sujeito com seu gozo. Nas palavras de Lacan, “a dimensão ética é aquela que se estende em direção ao gozo. Eis então duas balizas, primeiramente a demanda do doente, em segundo lugar o gozo do corpo. De certo modo elas confluem nessa dimensão ética [...]” (Lacan, 1966/2001, p.12).

Quando falamos de uma ética da psicanálise, estamos tratando das possibilidades, dos diferentes posicionamentos do sujeito frente ao real. Não um posicionamento comum, como nas tentativas de escamotear o real, mas um posicionamento

singular que aponte para um enfrentamento de uma alteridade máxima. Se o vazio primordial, e aí retomamos *das Ding*, une a pulsão e o desejo no sentido de ser o furo primordial que impossibilita o encontro do sujeito com o objeto que o satisfaça, o trabalho analítico, por sua vez, pode tê-lo como referencial para que a intervenção do analista seja feita levando em consideração o imperativo da pulsão que promete ao sujeito a existência desse objeto que o satisfaria totalmente. Apontando sua impossibilidade através da própria permanência do movimento pulsional, com a busca constante por sempre mais, algo do desejo pode aparecer.

Cabe ao analista, a partir do desejo do analista, apontar a direção para o que não pode ser domesticado. Só se escuta o lugar do sujeito em relação ao pulsional a partir do desejo do analista. Este aponta para a constante possibilidade do psicanalista intervir, escutar e fazer com que aquele que nos fala se escute a ponto de poder se intrigar com o que se passa com ele, sobre esse horror ao qual ele vem dar corpo através de um excesso pulsional. É em torno do indomável da pulsão que gira o processo analítico. Na análise “a experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão” (Lacan, 1964/1986, p.259). Essa mudança tem a ver com o desejo.

Poderíamos nos perguntar por que o homem prefere a construção de diques a enfrentar o desejo, seu enigma. A pulsão fornece sempre satisfação. A psicanálise propõe que o sujeito encaminhe a sua falta pela via do desejo, que não traz necessariamente uma satisfação. Bem pelo contrário. Sustentar o desejo exige um preço. Não é sem se dividir que o sujeito se depara com o que o ultrapassa. E nesse ponto se configura uma grande questão: quem quer se aventurar por esse terreno nebuloso e desconhecido? Quem quer saber do impossível da vida?

É interessante notar que enquanto uns são convocados ao confronto e à busca da verdade, outros se contentam em acobertar os questionamentos e em se sustentar na alienação.

Verifica-se que o futuro da psicanálise depende do que não anda, daquilo que paralisa o sujeito e da angústia que irrompe do real. Não sendo possível calar a dor de existir, haverá sempre um lugar para os que estão dispostos a falar, para os que querem saber do inconsciente.

Retomamos um pequeno trecho da psicanalista Ana Lúcia Lutterbach sobre seu final de análise: “O final de análise não traz paz; a vida continua turbulenta, navego como posso e, como não há porto seguro, invento ancoragens precárias, mas, muitas das vezes, divertidas. Viver é impreciso, mas navegar é preciso, até o fim” (Lutterbach, 2008, p.260).

Assim, finalizamos com uma frase de Freud de 1920 do artigo *Além do princípio do prazer*. Texto onde o autor destaca a radicalidade da pulsão de morte a partir de sua vinculação com a repetição e o sintoma. Ele nos diz: “ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando” (Freud, 1920/2006, p.75). É um pouco disso que a psicanálise nos ensina... Não deixar de caminhar apesar da impossibilidade de voar.

Referências

BRODSKY, G. A busca da felicidade e as respostas da psicanálise. In: *Felicidade e sintoma: Ensaio para uma psicanálise no século XXI*. Rio de Janeiro: EBP; Corrupio, 2008. p. 269-272.

COSTA-MOURA. *Psicanálise e laço social*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

FERNÁNDEZ, A. Razões de um novo alegado. In: O desejo do analista. *Revista da Escola Letra Freudiana*, ano XXII, n. 30/31, Rio de Janeiro, 2003. p. 163-168.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. v.28.

_____. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. v.21.

LACAN, J. (1959-60). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. (1964). *O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. (1965-66). “De nossos antecedentes”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1966). “O lugar da psicanálise na medicina”. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de psicanálise, no. 32, São Paulo, dezembro de 2001, p. 8 - 14.

_____. (1969-70). *O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

GONÇALVES, N. Sujeito feliz em Lacan: Um modo de dizer. In: *Felicidade e sintoma: Ensaio para uma psicanálise no século XXI*. Rio de Janeiro: EBP; Corrupio, 2008, p. 65- 68.

LUTERBACH, A. L. Felicidade não tem fim, análise sim. In: *Felicidade e sintoma: Ensaio para uma psicanálise no século XXI*. Rio de Janeiro: EBP; Corrupio, 2008, p. 253-261.

MAURANO, D. *Para que serve a psicanálise?*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a psicanálise?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, T. C. *Sinthoma: corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ, 2006.

AFTER ALL, WHAT DOES PSYCHOANALYSIS MAKE POSSIBLE FOR THE SUBJECT?

ABSTRACT:

In our society where the ethics has its basis on a kind of technology which produces an endless number of objects, the close relation between satisfaction and happiness is observed. In love with reason and with an assumed perfection, the man believes in the possibility of quick and painless solutions to cure his existing pain. Having as a starting point the ethics of psychoanalysis, this study aims to discuss the difference between the actual moral of happiness and the psychoanalytical discourse. Desire and drive, that leave an mark on the subject with a radical dissatisfaction, lead us to the dimension of the impossible, which is the stand of work psychoanalysis can offer.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Ethics. Happiness. The present. Drive.

MAIS ENFIN QU-EST CE QUE LA PSYCHANALYSE PERMET DONC À UN SUJET?

RÉSUMÉ:

Dans la société actuelle où l'éthique des biens se montre soutenue par une technologie qui produit un nombre inépuisable d'objets, on observe une étroite connexion entre la satisfaction et le bonheur. Amant de la raison et de la perfection supposée, l'homme croit aux possibles solutions rapides et indolores pour guérir son mal d'existence. À partir d'une réflexion sur l'éthique de la psychanalyse, ce travail cherche à aborder la dissonance significative entre la morale actuelle du bonheur et le discours psychanalytique. Le désir et la pulsion, qui marquent le sujet avec une insatisfaction radicale, mettent en scène la dimension de l'impossible et c'est le volet de travail qu'offre la psychanalyse.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Éthique. Bonheur. Actualité. Pulsion.

Recebido em 25/01/2011

Mas afinal, o que a psicanálise possibilita ao sujeito?

Aprovado em 19/04/2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php
revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista